

Prefácio

A Literatura é a expressão do que é humano
George Steiner

Um prefácio, assim como uma homenagem, podem tentadoramente cair na melancolia do academismo e dos formalismos, acabando por afastar o leitor e por eliminar a curiosidade de quem se atreve a abrir um livro. Como nota de abertura, os prefácios devem anunciar ao que vêm e justificar o que se lhes segue.

Se a literatura, como escreveu George Steiner, é “a expressão do que é humano”, as línguas são, por sua vez, o veículo ou o meio dessa expressão tomar corpo e voz. A língua portuguesa e Mário Cláudio fazem parte dessa voz e desse corpo feito livro e palavra.

Mário Cláudio é o escritor português vivo com a mais longa carreira literária, superando já os 50 anos, cumpridos em 2019, meio século depois da publicação do livro de poemas *O Ciclo de Cypris*. O ficcionista portuense conta com mais de trinta romances editados, a que se juntam crônicas, peças de teatro, contos e coletâneas de ensaios, sendo não só um dos mais prolíferos autores da literatura de língua portuguesa contemporânea, como também um dos mais agraciados com diversos prêmios de índole literária e cultural.

Por estas razões, durante os dias 5 e 6 de maio de 2022, a Universidade de Pádua, velha de oito séculos, com a organização da Cátedra Manuel Alegre do Instituto Camões, em parceria com o Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari e da Embaixada de Portugal em Roma, realizou o “Congresso Internacional Língua

Portuguesa: Criadora de Intimidades e de Literatura – homenagem a Mário Cláudio nos seus 80 anos”.

Realizar um congresso naquela data está diretamente relacionado com o facto de a Organização das Nações Unidas ter decretado o dia 5 de maio como o Dia Internacional da Língua Portuguesa. Todas as noites, cerca de 278 milhões de pessoas em todo o mundo sonham em português. Todos os dias, milhões de pessoas pensam, falam, escrevem, criam e amam em língua portuguesa. As Nações Unidas estimam que, em 2050, 387 milhões de pessoas falem português.

Mário Cláudio, pseudónimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa (Porto, 1941) é um dos maiores escritores da literatura de língua portuguesa contemporânea.

A obra de Mário Cláudio tem um alcance que vai para além do campo estritamente estético-literário. Partindo da literatura, o autor convoca de modo fértil, sugestivo e fluido, questões relacionadas com a identidade, com a cultura, com a memória e com o lugar, refletindo inquietações do campo da filosofia, da sociologia, da história e das artes. Mário Cláudio é um autor completo e multifacetado, que demonstra o valor das humanidades e do seu alcance e grandeza através da interdisciplinaridade, assim como na relação com outros escritores da nossa língua e também das literaturas europeias.

O congresso contou com especialistas da obra claudiana do Brasil, de Itália e de Portugal, que partilharam as suas experiências de leitura da obra do autor de *Amadeo* à luz de diversas perspetivas, demonstrando a vitalidade não só das suas personagens, mas também das suas ideias. Tal como o ouvido é um órgão aberto, assim também devem ser os livros e a literatura: abertos ao outro.

Acreditamos que as homenagens devem ser feitas enquanto os artistas estão entre nós. Se a obra é o maior legado de um autor, a humanidade deste é também uma pista de leitura e de observação do mundo e da realidade em que ele viveu.

Como não somos capazes de homenagear Mário Cláudio a partir de textos de ficção, como ele tão bem fez em *Amadeo*, n’*As Batalhas do Caia* ou em *Camilo Broca*, entrando e perscrutando a oficina de Amadeo de Sousa-Cardoso, de Eça de Queirós e de Camilo Castelo

Branco, respetivamente – e usamos três livros a título de exemplo num autor em que o número três ocupa um espaço primacial – fizemo-lo com um congresso e agora com este livro que resulta como memória literária, sensitiva e humana dos dias 5 e 6 de maio de 2022.

O texto de Ana Paula Arnaut evidencia a “ausência de monotonia e estética” e a destreza com que o autor se movimenta por diversos géneros literários, fazendo ao mesmo tempo uma circunstanciada análise do percurso do escritor; Brunello Natale De Cusatis e Maria Fontes analisam a estética barroca a partir de “A Fuga para o Egito”, não desprezando a éfrase e o diálogo interdisciplinar; Da mesma natureza é a reflexão de Rui Costa e Ugo Serani, que evidenciam de modo particular o romance *Amadeo*. Já Dionísio Vila Maior e Silvío Renato Jorge fazem um estudo comparativo entre Fernando Pessoa/Bernardo Soares no caso do primeiro, e Ricardo Reis de Saramago no caso do segundo. A cidade de Lisboa permeia as reflexões, ficando plasmada a noção de que Mário Cláudio é um autor que utiliza a intertextualidade e a transficionalidade como mecanismos narrativos; Gerson Roani e Jorge Vicente Valentim abordam dois temas que demonstram a plasticidade e a abertura da obra de Cláudio a novos horizontes de expectativa e de abordagem: o estudo da memória judaica presente em diversos romances assim como as subtilezas (não tão discretas assim) homoeróticas, em particular, no *Triunfo do Amor Português*; Maria da Graça Gomes de Pina revisita o conto policial “São Jerónimo e o Leão”, demonstrando como a escrita poliédrica do autor é capaz de abarcar um género que não tem acolhido a atenção da crítica; Guia Boni e Gabriela Iurcev analisam a língua e a linguagem como ferramentas essenciais na construção de um imaginário e de um léxico específico, seja em *Peregrinação de Barnabé das Índias*, seja em *Tocata para Dois Clarins*; Martinho Soares apresenta um estudo minucioso sobre as recentes investigações no campo da Geocrítica e da Ecocrítica e a sua presença em diversas obras de Mário Cláudio, seja a partir da inevitável *Tiago Veiga. Uma Biografia*, seja a partir de títulos mais recentes como *Embora Eu Seja Um Velho Errante*; José Vieira, por seu turno, problematiza os géneros autobiografia e autoficção nas obras supracitadas.

Todos os textos dialogam com a obra e com o homem que se apresenta por detrás dela, autor sempre atento ao mundo que o rodeia, questionando o seu tempo que é também o nosso.

Devemos realçar ainda a presença do escritor durante os trabalhos, que prosseguiram não como entronização de um escritor, mas antes de forma desafiadora, instigando alunos e professores à (re)leitura e reflexão de uma voz a quem tarda o Prémio Camões.

Da memória desse encontro, permanece o abraço de Pádua, plasmado nas palavras que aqui vão.

Fica, portanto, este prefácio como ponto de partida de uma viagem que a literatura proporciona no mais íntimo de nós através da obra de Mário Cláudio, criador de mundos e de intimidades.

Barbara Gori
José Vieira